



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
POLO UNIVERSITÁRIO DE ACARÁ**

ALYCELENE FERREIRA DE SOUZA

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA MARIA
ANTONIETA DE PAIVA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS/OS
PROFESSORAS/ES DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Acará – Pará
Dezembro de 2019**

ALYCELENE FERREIRA DE SOUZA

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA MARIA
ANTONIETA DE PAIVA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS/OS
PROFESSORAS/ES DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Abaetetuba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Vílma Nonato de Brício.

**Acará – Pará
Dezembro de 2019**

ALYCELENE FERREIRA DE SOUZA

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA MARIA
ANTONIETA DE PAIVA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS/OS
PROFESSORAS/ES DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação e Ciências Sociais da
Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário
de Abaetetuba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Vílma Nonato de Brício
Orientadora - UFPA

Prof.
Examinador(a)

Prof.
Examinador(a)

Dedico este trabalho as minhas maravilhosas crianças que me fazem acreditar em construir práticas pedagógicas mais diversificadas, aos meus alunos/a do Programa Residência Pedagógica, as minhas primas Delanny Ferreira e Lunna Ferreira, ao meu primo Heberton Junior Ferreira, as minhas sobrinhas Helenna Pantoja e Lara Souza. Também dedico ao meu ilustre músico, eterno fiel amigo Hendriw Saymon dos Santos Ribeiro (*in memoria*) a qual sempre vou lembrar com muito amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre esteve comigo nessa longa caminhada, me proporcionando amor, força, proteção e sabedoria, que me ergue para enfrentar as batalhas diárias e que me alicerça para continuar a finalizar essa jornada na graduação.

A minha Mãe Gidalva dos Santos Ferreira pelo amor, paciência e dedicação que sempre teve comigo, por sempre me apoiar e incentivar a ir em buscar dos meus objetivos, ao meu Paidrasto Jarbas de Jesus Pantoja por sempre me apoiar a não desistir dos meus estudos me incentivando ir mais além. Amo muito vocês, o meu muito obrigada.

A Minha Maravilhosa Orientadora Profa. Dr^a. Vílma Nonato de Brício, pela paciência e dedicação que teve comigo para a construção deste trabalho. Muito obrigada.

Aos meus professores/a da Educação Básica Veina Monteiro, José Luiz Miranda, Kátia Santos, Ilson Fernandes e a minha professora do Ensino Médio Iraisia Corrêa. Aos meus professores/a da graduação Jadson Gonçalves, Dinair da Hora, Adelino Ferranti, Vivian Lobato, Alexandre Cals, Sandra Karina, Bruno Santos, Nívia Freitas, Joatan Soares, Larissa Aviz, Rosileide Melo, Socorro Lima, Joyce Ribeiro, Ivete Brito, Eliana Pojo, Mariza Felipe, Carlos Amorim (*In memoria*). Um enorme obrigada pela partilha de conhecimento.

Agradeço a Professora Paula Silva Coordenadora do Polo Universitário de Acará por sempre estar disposta a ajudar a minha turma, por me acolher em sua casa no período da construção deste trabalho juntamente com o seu filho e meu amigo que a graduação me presenteou Fellipe Paiva ao qual contribui muito em minha vida. “Paulita”, muito obriga meu bem. Fellipe, obriga pela atenção e dedicação, é nós (risos).

Agradeço a minha avó materna Maria das Dores dos Santos Ferreira e ao meu avô materno Paulo de Souza Ferreira por me acolherem em suas vidas desde sempre com muito amor e carinho. Ao meu avô paterno Gregório Souza e minha avó paterna Maria Helena Souza pelas palavras carinhosas e amorosas para comigo. Amo vocês.

Aos meus irmãos Matheus Souza e Herlan Paulo Pantoja e as minhas irmãs Aline Souza e Hellen Thays Pantoja por me apoiarem nessa caminhada da graduação. Amo vocês.

Agradeço a minha Tia e Madrinha Lindalva Ferreira por sempre estar comigo e me apoiando para que eu adentrasse em uma faculdade, de preferência pública e eu consegui, ao

meu padrinho Marcio Celio pelas longas conversas e incentivos a seguir os meus estudos, obrigada por tudo.

Aos meus familiares maternos e paterno tios/a, primos/a pelo apoio e dedicação durante esse tempo. Muito obrigada.

Ao meu fiel companheiro Matheus Ramos que mesmo de longe estar torcendo e me dando forças para enfrentar os obstáculos diários. Obrigada baby.

Aos meus colegas e amigos/a de classe que me aturaram em suas vidas durante esse tempo na graduação, Alesandra Gois, Cirlene Lisboa, Damares Maia, Ediane Maia, Edilaine Santos, Eliel Rabelo, Eva Maria, Francimary Telles, Hugo Gama, Ícaro Silva, Janielle Vaz, Jazeel Figueira, Marília Vinagre, Monique Lima, Patrícia Gois, Regiane Menezes, Tays Ferreira, Valdilene Nonato e Vanessa Rosa. Vocês ficarão eternizados em minhas memórias, obrigada pela troca de experiência, conhecimento, companhia e carinho de vocês. Paz e amor.

Não poderia deixar de agradecer calorosamente as minhas companheiras do curso e amigas a quais suportaram durante esses 4 anos e meio minhas palhaçadas constantes, Helanda Reis, Joicy Cardoso, Simone Braga, Thaísle Costa obrigada meninas pela amizade e pela contribuição acadêmica. Amo vocês, vocês são demais. Agradeço também ao meu querido amigo Wellington Neres pela dedicação e paciência que teve com a nossa equipe “Team Elite” em sua humilde residência juntamente com sua esposa Simone, com seu filho Pedro Henrique e sua filha Suzi Braga, muito obrigada “senhor Wellington” a você e sua família, sentirei saudades de todos e todas.

Agradeço ainda aos meus amigos e amigas da Universidade Federal dos Bois (UFB) pela paciência que tiveram comigo ao longo da construção deste trabalho, em especial Marcia Cristina, Walmir Maués, Claudiane Maués, Thaísle Costa, Luana Ferreira, Sandro Alax, Jéssica Lemos, Josiel Belo, Higton Lira e. Vocês são demais. Saudades.

Aos meus amigos e amigas que, de uma forma ou outra me confortaram com suas palavras carinhosas nos momentos conflitantes em minha vida, a minha querida ruiva Vanessa Leão, Aurilene Carvalho, Suane Paola, Leonardo Souza, Ieda Jane, Leticia Oliveira, Shaienne Costa. Vocês não imaginam como as palavras de vocês me deram forças para continuar, muito obrigada meus amores.

...OS MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS

... E a pergunta roda e a cabeça gira eu fico com a pureza da resposta das crianças é a vida, é bonita é botina. Viver e não ter a vergonha ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz.

(GONZAGUINHA, 1982)

RESUMO

O presente trabalho trata das Relações de gênero e sexualidade na escola Maria Antonieta de Paiva, no sentido de pesquisar as práticas pedagógicas das/os professoras/es de uma turma de educação infantil no município de Acará. Esta pesquisa tem como objetivos analisar as práticas dos/a professores/as na modalidade de ensino da Educação Infantil e verificar se o documento Projeto Político Pedagógico aborda a temática relações de gênero e sexualidade em seus escritos. A pesquisa traz os seguintes questionamentos: Como as professoras da turma da educação infantil trabalham as relações de gênero e sexualidade em sala de aula? Como está estruturado o Projeto Político Pedagógico sobre esta temática? Trata-se de um estudo a partir da abordagem pós-crítica, cujo enfoque é de ressaltar a importância de incluir os estudos culturais, sociais e históricos das questões de gênero e sexualidade no contexto escolar. O tipo de pesquisa selecionada para este trabalho é análise do discurso, por meio de observações em sala de aula e também no ambiente escolar relacionadas com entrevista a partir das falas das professoras. Para auxiliar nesta pesquisa, fez-se necessário também recolher informações por meio da utilização de entrevista semiestruturada. Como cunho teórico para reforçar esta pesquisa destaco os/a principais autores/as como Felipe (2006), Foucault (1969,1990,1992), Louro (1997), Paraíso (2004) Pereira (2015), Scott (1995) e entre outros/a que influenciaram nessas diversidades culturais de gênero e sexualidade dentro de uma perspectiva pós-crítica. A pesquisa retrata os processos culturais, sociais e históricos dos conceitos de construções de relações de gênero, sexualidade, infância e educação infantil na sociedade brasileira juntamente com a ação docente entre alunos/a e professores/a. Como resultados a partir das observações e entrevistas, nota-se ainda que as práticas pedagógicas não são amplamente articuladas perante as crianças em ênfase as construções das relações de gênero e sexualidade em sala de aula.

Palavras chave: Gênero e sexualidade. Sala de aula. Prática docente. Educação Infantil.

ABSTRACT

The present work deals with the Relations of gender and sexuality in the Maria Antonieta de Paiva school, in the sense of researching the pedagogical practices of the teachers of a kindergarten class in the city of Acará. This research aims to analyze the practices of teachers in the kind of teaching of Early Childhood Education and to verify whether the document Pedagogical Political Project addresses the theme of gender relations and sexuality in their writings. The research raises the following questions: How do teachers in the early childhood class work on gender and sexuality relations in the classroom? How can the Pedagogical Political Project be structured on this theme? It is a study based on the post-critical approach, whose focus is to emphasize the importance of including cultural, social and historical studies of gender and sexuality issues in the school context. The type of research selected for this work is discourse analysis, through observations in the classroom and also in the school environment related to interviews from the teachers' statements. To assist in this research, it was also necessary to collect information through the use of semi-structured interviews. As a theoretical basis to reinforce this research, I highlight the main authors such as Felipe (2006), Foucault (1969,1990,1992), Louro (1997), Paraíso (2004) Pereira (2015), Scott (1995) and among others who have influenced these cultural diversity of gender and sexuality from a post-critical perspective. The research portrays the cultural, social and historical processes of the concepts of construction of relations of gender, sexuality, childhood and early childhood education in Brazilian society together with the teaching action between students and teachers. As a result of the observations and interviews, it is also noted that the pedagogical practices are not widely articulated before the children, emphasizing the construction of gender and sexuality relations in the classroom.

Keywords: Gender and Sexuality. Classroom. Teaching practice. Child education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: DELINEANDO OS CAMINHOS INVESTIGATIVOS	10
2 GÊNERO, SEXUALIDADE, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA.....	19
2.1 Fragmentos Históricos Culturais sobre Gênero e Sexualidade.....	19
2.2 A Historicidade do desenvolvimento da Infância.....	24
2.3 Infância do período da Revolução Industrial e suas modificações.....	28
2.4 Percurso histórico Educação Infantil: processo inicial nas escolas.....	29
3 A PRÁTICA EDUCATIVA NA TURMA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E IDENTIDADE	32
3.1 Trilhando o ambiente da escola Maria Antonieta de Paiva.....	32
3.2 A organização pedagógica e curricular da Educação Infantil	33
3.3 Sala de aula: Construção de identidade de gênero entre as crianças.....	35
3.4 Brincadeiras: Recreio e sala de aula.....	37
3.5 Prática pedagógica: docentes em sala de aula.....	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A.....	49
ANEXO A.....	50
ANEXO B.....	52

1 INTRODUÇÃO: DELINEANDO OS CAMINHOS INVESTIGATIVOS

A realização deste trabalho sobre o título de “Relações de Gênero e Sexualidade na escola Maria Antonieta de Paiva, como prática pedagógica dos/a professores/as na Educação Infantil”, partiu acerca do conhecimento adquirido e construído no decorrer do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Abaetetuba Polo Universitário de Acará a qual faço parte, e, também, a minha participação em eventos acadêmicos, onde os/a professores/as e discentes contribuíram com as discussões atuais que permeavam o assunto, juntamente com a minha atuação como residente do Programa Residência Pedagógica na escola que é o *lócus* da pesquisa. Daí surgiu o grande desejo de pesquisar sobre Relações de Gênero e Sexualidade relacionada à prática docente voltada para a Educação Infantil.

As relações de gênero e sexualidade estão historicamente e intrinsecamente ligadas aos fatores da sociedade, conectadas com as Ciências Sociais e o Campo Biológico. No entanto, no Brasil algumas reivindicações e diálogos surgiram com força maior em meados dos anos 60 do século XX, a partir de Movimentos Sociais, em especial, do Movimento Feminista, Movimentos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTs), junto com as Ciências Sociais, historiadoras, sociólogas, filosofas, antropólogas e outras demais Ciências Sociais e outros Movimentos Sociais, e só então passou a ser utilizado como ferramenta analítica e política das desigualdades sociais. Percebe-se, então, que ao falar de gênero estamos nos referindo às feminilidades e a masculinidades (sempre no plural) (Louro, 2011). As políticas de definições e concepções sobre os conceitos de gênero foram alteradas e continuam se alterando até os tempos atuais.

Para as Ciências Sociais os conceitos de Gênero referem-se ao aspecto cultural da diferença entre homens e mulheres, ou seja, o critério de classificação está baseado principalmente na identidade subjetiva da pessoa onde visa classificar o masculino ou feminino, identidade essa que pode ser definida no modo de ser, viver de maneira que nos convêm como mulheres, heterossexuais, homossexuais, transexuais, homens, etc. Haal analisou como processos de identidade,

(...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando nem diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2003, p. 13).

O autor ressalta que há modos diferentes conflitantes nas identidades e, que as velhas identidades que por muito tempo se estabilizaram ao mundo social, hoje estão em decadência, fazendo assim, surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, assim, acredita-se que a identidade do sujeito não seja fixa ou permanente, pois esta estar em constante construção cultural. No entanto, ocorre à necessidade para construir processos de identidade coerente, que vem se construindo em determinado época com a intervenção do meio social que estamos inseridos, logo, esse processo de construção de identidade se baseia no aspecto cultural e social de cada um/a.

Já a Sexualidade está ligada também ao campo cultural, uma vez que essa é construída historicamente e socialmente. A sexualidade, para Louro (2000),

Envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convecções, ou seja, processos profundamente culturais e plurais. Nesta perspectiva, nada há de exclusivamente ‘natural’ neste terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza, pois, através de processos culturais, definimos, o que é – ou não – natural (LOURO, 2000, p. 62).

E no Campo cultural está associada na construção da interação social das pessoas a partir das diferenças de cada um. Muito se confunde a relação entre esses conceitos tão próximos e ao mesmo tempo tão distintos.

Somos seres constituídos de diferenças, diferentes culturas, raças, identidades, religiões, alteridade, gênero, sexualidade, subjetividade, etnias, dentre outros, e a iniciação das crianças nas creches ou pré-escolas são uma das primeiras instituições de ensino que recebe essas variadas diferenças de identidade, onde se dá início a novas relações sociais com as demais diferenças dos sujeitos que vai se estabelecendo na educação infantil e se estendendo ao longo da Educação Básica.

Essas relações se iniciam através de contatos com os/a outros/a, mas, é na escola que devem ser trabalhados também o multiculturalismo com alunos e alunas, ressaltando as diferenças culturais e que são modificadas constantemente no cotidiano, assim, buscando construir novos paradigmas, através de debates sobre as diferenças de identidade em sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de 2001 apresenta como tema transversal a Orientação Sexual destaca também que cabe à escola abordar os diversos valores que permeiam a sexualidade para auxiliar os/a alunos/a construir um ponto de

autorreferência, tendo em vista como ponto inicial, a Educação Infantil que é a primeira etapa da Educação Básica.

Diante a temática Relações de Gênero e Sexualidade, busco em minha pesquisa saber se os professores/as estão trabalhando essas questões em sala de aula com os alunos e alunas de uma turma de educação infantil da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Profª Maria Antonieta de Paiva e como se dá essa construção e mediação de conhecimento entre eles/as para com as crianças.

A partir destas considerações culturais, visa-se responder os seguintes questionamentos: Como as professoras da turma da educação infantil trabalham as relações de gênero e sexualidade em sala de aula? Como está estruturado o Projeto Político Pedagógico sobre esta temática?

Esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar a prática das professoras da Educação Infantil da escola Maria Antonieta de Paiva, sobre as questões de gênero e sexualidades em sala de aula. Como objetivos específicos, verificar se o documento Projeto Político Pedagógico aborda a temática relações de gênero e sexualidade em seus escritos. Como cunho teórico para nortear este trabalho, destaco os/a principais autores/as como Felipe (2006), Foucault (1969,1990,1992), Louro (1997), Paraíso (2004) Pereira (2015), Scott (1995), Silva (2005) e entre outros/a que influenciaram nessas diversidades culturais de Gênero e Sexualidade dentro de uma perspectiva pós-crítica.

Provocar reflexões acerca dessa temática em sala de aula contribuirá para que a instituição seja um instrumento para combater o preconceito e promover a valorização das diferenças de gênero e sexualidade no âmbito social. Além da própria instituição ao expandir essas discussões e reflexões poderá elaborar uma proposta para o Projeto Político Pedagógico (PPP).

Para auxiliar a minha pesquisa, optei por trabalhar a partir da abordagem Pós-Crítica. Esta abordagem vem sendo trabalhada desde o início da década de 1990, ganhando força maior nos anos 2000. Esta teoria é enfatizada pelos/a autores/as Silva (2005), Veiga-Neto (2013) e Paraíso (2004) e outros, onde defendem em seus artigos e livros essas abordagens e contribuem com relevância as questões Gênero e Sexualidade dentro desta teoria que vem ressaltar a importância de abordar o tema nas escolas com alunos e alunas,

sendo os/as Docentes um dos/a principais mediadores das dinâmicas de ensino nas instituições-sala de aula.

Assim como as teorias críticas, a perspectiva Pós-Crítica criticou duramente as teorias tradicionais, mas elevaram as suas condições para além da questão das classes sociais, indo direto ao foco principal, o sujeito.

Paraíso (2004) destaca que as linhas mais exploradas pelas pesquisas pós-críticas sejam a das relações de poder na educação, a do sujeito (identidade, subjetividade e modos de subjetivação) e da descrição e análise da artificialidade da produção de saberes na educação (conhecimentos, verdades, discursos).

A teoria Pós-Crítica está relacionada há disputas de relações de poder a partir dos meios culturais, para que as discussões sobre gênero e sexualidade não sejam mais tabus e passem a fazer parte do planejamento curricular da escola é que a liberdade de expressão tenha o mesmo valor, tanto para homens quanto para mulheres.

A partir da abordagem selecionada, optei pela análise do discurso como forma de análise nesta pesquisa, das informações coletadas em observações em sala de aula na escola selecionada e anotações a partir das falas de uma professora da Educação Infantil.

A análise do discurso é de inspiração foucaultiana, que se constrói através do ato de conversar, o diálogo ocorreu somente com uma professora que ministra aulas da Educação Infantil, assim mostrando um tipo de pesquisa mais dialogal com a entrevistada. Foucault (1997, p. 56) nos diz que o discurso é um “conjunto de saberes e práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Logo, a análise do discurso “é um canteiro de diálogos e confrontos teóricos no qual pesquisadores podem falar de lugares múltiplos sobre sujeitos discursivos que acabam inquietando a todos nós, estudiosos do discurso” (MILANEZ; SANTOS, 2009).

Quando se trata de realizar a análise do discurso como um tipo de pesquisa a autora Silva (2013) nos reporta a importância do ato de utilizar esse método de pesquisa em várias situações como,

Proceder à análise do discurso implica em visualizar as relações de poder que constituem os discursos e a própria história, e com isso multiplicar o próprio discurso, fazendo emergir o discurso científico, educacional,

midiático, materno, econômico, entre outros legitimados socialmente e que produzem efeitos na produção dos sujeitos (SILVA, 2013, p. 106).

Segundo Duarte (2004), uma entrevista se inicia dos seguintes procedimentos como,

O primeiro deles diz respeito à transcrição: entrevistas devem ser transcritas, logo depois de encerradas, de preferência por quem as realiza. Depois de transcrita, a entrevista deve passar pela chamada conferência de fidedignidade: ouvir a gravação tendo o texto transcrito em mãos, acompanhando e conferindo cada frase, mudanças de entonação, interjeições, interrupções, etc (DUARTE, 2004, p. 220).

Transcrever e ler cada entrevista realizada, antes de partir para a seguinte ajuda a corrigir erros, a evitar respostas induzidas e a reavaliar os rumos da investigação (ALBERTI, 1990). Por isso se faz necessário fazer essa abordagem, pois nela estarão contidos importantes dados, podendo gerar informações quantitativas e qualitativas.

Ao se tratar da transcrição da entrevista os relatos dos entrevistados/a são indispensáveis para o/a pesquisador/a, esse é o momento crucial onde o/a pesquisador/a se aprofunda no ato de escrever e onde se concentra em analisar as informações que os/a entrevistado/a estão repassando. Lockmann mostra a importância das informações repassadas pelos/a entrevistados/a, pois só assim o/a pesquisador/a filtra o que será de total relevância para adicionar em seu texto, pois,

Após a realização da entrevista, a transcrição se torna elemento indispensável para uma análise minuciosa sobre as informações obtidas. Ler o material várias vezes, destacar pontos de conexão entre os ditos, construir recorrências e perceber dispersões serão passos importantes no decorrer das análises. É preciso lembrar que o rigor metodológico não significa dar conta de uma totalidade. Ao analisar os dados coletados o pesquisador selecionará àqueles fragmentos mais significativos para a sua investigação, compreendendo que seu olhar e suas escolhas jamais serão neutros ou inocentes. Esse processo de escolhas, de recortes, de inclusão de alguns ditos e exclusão de outros tantos, está intrinsecamente relacionado com o pesquisador, com suas experiências, suas indagações, com suas inquietações (LOCKMANN, 2013, p. 49).

Assim, com os materiais da entrevista já coletados, cabe ao/a pesquisador/a organizar e transcrever cada parte da entrevista, para então ter uma visualização compreensiva do texto. Utilizei como técnica de coleta de informações a entrevista semiestruturada, que se faz de acordo com alguns procedimentos importantes que são adotados na preparação desta análise monografia.

A instituição *lócus* da pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) Profª Maria Antonieta de Paiva, situada na (zona periférica) Bairro

Cacoal, Rua: Luiz Miranda, Nº. 629, com Travessa Ernesto Geisel, no município de Acará, vinculada a Secretária Municipal de Educação (SEMED), a escola conta com um espaço bem amplo e possui terreno próprio medindo 6.800m².

Em questão de território, a escola conta com um espaço bem amplo, com direito a presença deslumbrante da natureza, juntamente para as crianças que lá estudam e os/a funcionários/a. A instituição dispõe de uma estrutura física ainda precária que não conduz muito bem com os padrões exigidos pelos órgãos educacionais, para o atendimento de alunos/a e funcionários/a docentes e não docentes.

A Escola Maria Antonieta de Paiva ocupa atualmente um espaço físico cedido pelo município, sendo este constituído de acordo com a tabela abaixo.

Figura 01: Tabela do espaço físico da escola.

N	Dependências	Quantidades
01	Sala de aula	09
02	Secretaria	01
03	Diretoria e coordenação pedagógica	01
04	Sala de recurso multifuncional- AEE	01
05	Banheiros dos funcionários	02
06	Banheiro de alunos	03
07	Cozinha	01
08	Deposito de merenda	01
09	Laboratório de informática	01
10	Refeitório	01
11	Biblioteca	01
12	Depósito de Materiais Pedagógicos	01

Fonte: PPP da Escola Profª Maria Antonieta de Paiva

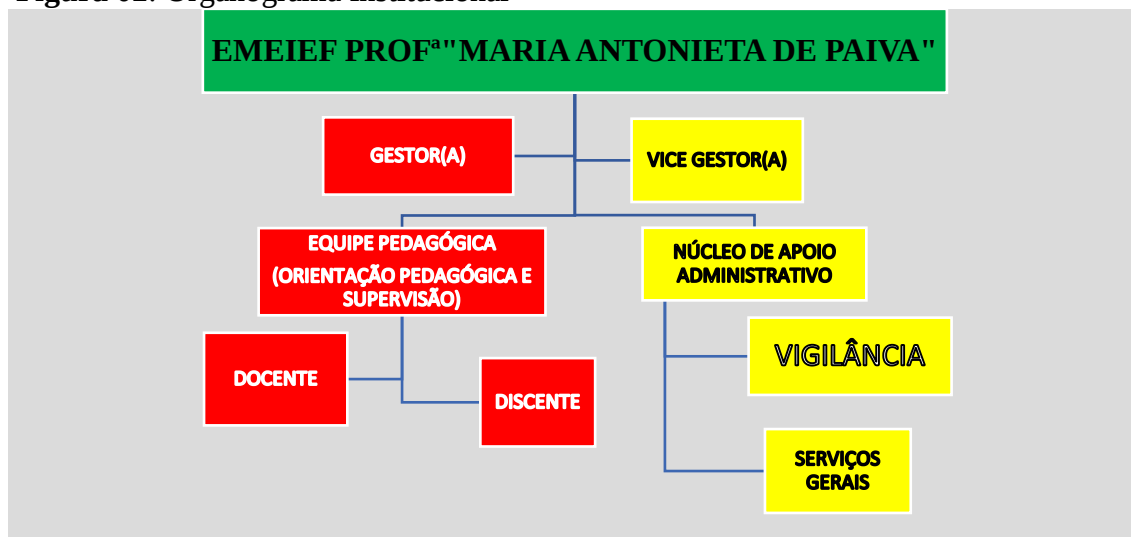
A escola foi inaugurada em dia 02 de março de 1998, com o propósito de atender crianças que residiam próximo a instituição desde a educação infantil até 5º ano do ensino fundamental. Hoje a escola atende pelo turno da manhã e tarde alunos/a da Educação Infantil até o 5º ano e durante o turno da noite atende alunas/os da EJA (Educação de Jovens e Adultos) nas perspectivas etapas 1ª etapa (1º e 2º ano), 2ª Etapa (3º e 4º anos).

A EMEIEF Prof.ª Maria Antonieta de Paiva, no ano de 2018 recebeu através do ato de reconhecimento Resolução Nº 590 de 20 de setembro de 2018 e de suas escolas nucleadas: EMEIEF “Santa Madalena”, “São José III”, “São Rosário” e “20 de Março” (anexo). Para ofertar os cursos nas seguintes modalidades de ensino: Educação infantil, Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e EJA (Educação de Jovens e Adultos) 1ª e 2ª etapas.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Maria Antonieta de Paiva parte do princípio de que a formação profissional é o conjunto de atividades que visam à aquisição teórica e/ou prática de conhecimentos, habilidades e atitudes exigidas para o exercício das funções próprias Escola também visa oferecer alguns minicursos para os profissionais que atuam nesta instituição de ensino com parceria da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e por meio dos recursos oriundos do Governo Federal.

O Organograma institucional da escola está classificado no modelo mais comum de funcionamento da organização escolar. O quadro abaixo demonstra a organização atual da escola.

Figura 02: Organograma Institucional



Fonte: PPP da Profª Maria Antonieta de Paiva

A partir das minhas observações no período de 20 dias (Junho/agosto), foram feitas anotações sobre as práticas docentes em sala de aula voltadas para alunos/a e, um momento de entrevista com perguntas direcionadas a uma professora da turma da Educação infantil sobre as questões das Relações de Gênero e Sexualidade em sala de aula com os/a alunos/a.

A entrevistas ocorreu somente com uma professora que lecionam na Educação Infantil no turno da Manhã, a entrevista foi realizada no ambiente escolar no turno da tarde por opção da professora. Assim, o dialogo ocorreu de forma tranquila e paciente.

A estrutura física deste trabalho está dividida em 2 seções, ressaltando os objetivos citado acima sobre a minha pesquisa. No Primeiro capítulo analiso os processos culturais, sociais e históricos dos conceitos de construções de relações de gênero, sexualidade, infância

e educação infantil na sociedade brasileira dentro de uma teoria pós-crítica, com embasamentos do/as autores Foucault (1999), Scott (1989), Peres (2012), Louro (2000) e outros/a teóricos que ressaltam o processo de inclusão desta temática no ambiente escolar perante aos desafios enfrentados pelos estudiosos sociais. Para embarcar nessa ilustre pesquisa, no que se refere o contexto histórico da Infância e Educação Infantil, como referencial teórico utilizamos alguns autores e autoras tais como Ariès (1978) e Corazza (2002).

O segundo capítulo trata o contexto escolar, com ênfase a prática docente em sala de aula de uma turma de Educação Infantil no turno da manhã. Analiso também as questões gênero e sexualidade entre professoras e crianças a partir de observações em sala juntamente com o momento do recreio das crianças e, para aprimorar esta pesquisa, retrato em entrevistas semiestruturada com uma professora da turma, algumas questões das construções das relações de gênero e sexualidade em sala de aula e também o que o referido PPP da escola Marai Antonieta de Paiva condiz ao respeito desta temática.

As questões de gênero e sexualidade aos poucos foi se incluindo na sociedade principalmente nas relações culturais das pessoas, tendo as escolas como principal referência da construção sociais entre os/a dos/a sujeitos/a. Isso tudo se ergueu com muita persistência dos movimentos sociais abrangidos por maioria mulheres, que lutaram e lutam até hoje em busca por valorização de igualdades entre os gêneros masculino e feminino. Perante a isso, os estudos sobre gênero e sexualidade embarcaram nas instituições de ensino no início dos anos 2000, mas com relevância ao ensino médio, onde muitas pesquisas relatam que o processo dessa construção gênero e sexualidade era conflituoso, uma vez que os/a estudantes não eram estimulados pelos/a professores/a desde a primeira etapa da educação básica, que é a educação infantil, para construção das relações sociais a partir da cultura do outro/a, sendo assim criou-se políticas públicas para abranger as relações de gênero e sexualidade desde da educação infantil, onde as crianças podem iniciar o processo de construção das identidades a partir do contato com os/a outros/a.

2 GÊNERO, SEXUALIDADE, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA CULTURAL

Neste capítulo analiso os processos históricos na inicialização das questões de gênero, sexualidade no século XX no Brasil, juntamente com os Movimentos Feministas e, além disso, a historicidade da social da infância na época do período medieval e também a historicidade da infância no século XX até os tempos atuais em nossa sociedade, ainda trata

o percurso da construção da modalidade de ensino da Educação Infantil e suas conquistas voltadas para as crianças.

2.1 Fragmentos Históricos Culturais sobre Gênero e Sexualidade

Não é difícil perceber a divisão entre o masculino e o feminino no ambiente escolar. Quando se pensa em sala de aula, se busca refletir sobre as relações entre os sujeitos, sabendo que cada indivíduo constrói características diferentes. Dentro de toda essa pluralidade está também incluso as questões de Gênero e Sexualidade. Quando se trata de Gênero estamos lidando com identidades diferentes de pessoas que estão inseridas no meio social e buscam se reconhecer de forma mais confortável e favorável para o seu corpo, ou seja, para o seu bem-estar.

Historicamente, as questões que permeia o termo gênero, começaram a serem discutidas com força maior no Brasil a partir da década de 1960 com as origens dos Movimentos Feministas e dos Movimentos das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTs). Peres (2012) destaca que os conceitos de gênero foram inseridos dentro de uma perspectiva política de esquerda, tendo como tema principal a denúncia e o enfrentamento da dominação masculina, questionando a ordem dada pelo patriarcalismo e as práticas ordenadas pela heterossexualidade compulsória.

Peres (2012) ainda acrescenta que,

O movimento feminista se pauta em uma atuação política de enfrentamento às opressões vividas pelas mulheres, aliado ao movimento LGBTTI (lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos) ampliando o debate nacional, problematizando a respeito das relações sociais, econômicas, políticas, culturais, sexuais e de gêneros. Essa aliança é estabelecida por uma luta comum contra as opressões sexuais e de gênero, a lesbofobia, homofobia e transfobia, buscando minimizar ou erradicar a dominação heterossexista e falocêntrica (PERES, 2005, p. 46).

Nessa perspectiva o autor salienta a importância das mulheres nas lutas sociais junto com o movimento LGBTTI em busca de introduzir de forma mais ampla suas reivindicações sociais, tais como direitos igualitário, diante de uma sociedade ainda tradicional e conservadora.

Scott (1989) ressalta que as feministas começaram a utilizar a palavra Gênero, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. Assim, juntando forças com os muitos movimentos que discutam sobre o mesmo ideal de Gênero, para que suas ações sociais sejam notadas e viabilizadas diante dos governantes e da sociedade.

Essas transformações sociais se aceleraram nas décadas seguintes graças a persistências e resistências desses movimentos. Foucault (1992, p. 147) enfatiza que precisamos aceitar o “indefinido da luta”, aceitar que “a cada movimento de um dos adversários corresponde o movimento do outro”. Tendo em vista que essas manifestações também ganharam força e apoio daqueles que se identificavam com as causas sociais e políticas desses movimentos.

Alguns teóricos abordam diferentes contextos sobre o termo Gênero, a respeito da construção continua na sociedade. Louro (2000) ressalta que,

A construção social feita sobre diferenças sexuais. Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou valorizadas; refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto (LOURO, 2000, p. 26).

De acordo com a autora, não se trata somente de falar sobre gênero, se trata de conviver com pessoas de diferentes sexos e identidades. Significa entender as pessoas não somente com características biológicas e sim entender o/a outro/a como membro de determinadas culturas que estão inseridos.

Para Louro (2000), o conceito gênero não possui uma essência masculina ou feminina. Ser menino ou menina é um fator que não foi pré-estabelecido, mas sim construída historicamente pela sociedade, logo, se é construído constantemente no meio social, visando à escolha de identidade de cada um/a que, ocorre através da construção de Gênero, onde podemos ser um e outro no qual nos identificamos. Neste ponto de vista, podemos ser femininos e masculinos de diferentes formas, independentemente da norma social e cultural do nosso cotidiano.

Segundo Louro (1997), as concepções de Gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Joan Scott (1995) uma das principais pesquisadoras do campo, conceitua Gênero como,

O núcleo de definição que repousa numa conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

Ambas proposições mostram que gênero se compõe de um processo de construção das relações entre homens e mulheres. “É importante fazer com que as diferenças sejam superadas e promover a igualdade de oportunidades tanto para meninos quanto para meninas, e isso precisa ser feito dentro do âmbito escolar” (PAIVA; CARDOSO, 2018, p. 34).

Bandeira (2005) afirma que gênero não se refere somente com as diferenças biológicas, mas também com as características culturais de cada indivíduo na sociedade, ela entende o gênero como,

[...] O conjunto de normas, valores, costumes e práticas através das quais a diferença biológica entre homens e mulheres é culturalmente significada. A categoria de gênero surgiu como uma forma de distinguir as diferenças biológicas das desigualdades sócio culturalmente construídas e procurou mudar a atenção de um olhar para mulheres e homens como segmentos isolados, para um olhar que se fixa nas relações inter-pessoais e sociais através das quais elas são mutuamente constituídas como categorias sociais desiguais (BANDEIRA, 2005, p. 7).

Bandeira (2005) destaca que ao falar da igualdade de Gênero que é preciso romper com um universo restrito do não reconhecimento da alteridade, do outro, da diferença, para caminhar em direção ao espaço de equidade, da emancipação e do pertencimento.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), dentro dos temas transversais, ao abordar a temática da Sexualidade, a questão do Gênero em relação à construção do que é pertencente a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade, e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são provenientes das representações sociais e culturais construídas também a partir das diferenças biológicas dos sexos, e, é transmitida através da educação, o que atualmente recebe a denominação de relações de Gênero. Essas representações internalizadas são referências fundamentais para a constituição da identidade dos indivíduos.

Com o passar dos anos, muitas ideias, diálogos surgiram para que essas questões fossem trabalhadas em sala de aula, já que as escolas é um ambiente diversificado para debater vários fatores que cercam a sociedade. Somente a partir da década de 1990 com a introdução e reforço das Teoria Pós-Crítica que as questões de Gênero começaram a ser trabalhadas em salas de aula, ganhando força maior nos anos 2000.

A Teoria Pós-Crítica visa forma mais ampla a inclusão do multiculturalismo na sociedade e engloba os debates sobre, gênero, raça, etnias, identidade, cultura, sexualidade, etc. Esta Teoria, antes era vista por alguns intelectuais como um modelo conservador, sendo que a mesma busca a emancipação do multiculturalismo no social.

Paraíso (2004), destaca que as linhas mais exploradas pelas pesquisas Pós-Críticas sejam a das relações de poder na educação, a do sujeito (identidade, subjetividade e modos de subjetivação) e da descrição e análise da artificialidade da produção de saberes na educação (conhecimentos, verdades, discursos).

A Teoria Pós-crítica está em constante construção e tende a partir dos meios culturais que engloba as discussões sobre Gênero para que não sejam tabus nas escolas. Independente dos tipos de instituições se faz necessário um planejamento para levantar esses debates, para que a liberdade de expressão tenha o mesmo valor, tanto para meninos, quanto para meninas.

Não se pode construir características pessoais sem a influência do meio social que estamos inseridos, pois, constantemente perpassamos por mudanças intrínsecas em nossas vidas, seja ela, física ou racional. Quando nascemos já estamos inseridos em “algo pronto”, logo, somos criados pelos nossos familiares para nos adaptar a aquilo que está ao nosso redor. A família e a escola são os berços iniciais de aprendizagem de cada um de nós, e é nelas que damos os primeiros passos para as nossas escolhas.

Ao tratarmos das questões de Gênero, corpo, Sexualidade, diferença e diversidade à escola se torna à principal mediadora dessas características nos proporcionando variadas identidades de sujeitos que estão introduzidos nela, e, é na escola que temos o contato mais próximos com pessoas de gênero, culturas, etnias, religiões, cor, raça, sexo, etc diferentes. A cultura como influência local, faz parte das nossas construções sociais por meio dela que socializamos e construímos as nossas identidades.

Castro, Abramovay e Silva (2004) criam diferentes categorizações de como se dão as relações, práticas ou processos de encontro/confronto/diálogo entre sujeitos marcados pela diferença e imersos numa busca pela igualdade. Segundo as autoras, uma primeira perspectiva comum na escola é a que nega a diferença.

Sabe-se que a escola é um fator essencial para a relação social dos/a alunos/a, pois, nela estão inseridas categorias de diferentes identidades. Por isso Felipe (2007) destaca que as instituições escolares podem ser consideradas um dos mais importantes espaços de convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que se refere à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais.

Pereira e Mizusaki (2015) destacam que os/a Educadores/as devem sempre,

Envolver e articular com seus alunos(as) entre eixos de questionamentos, a perspectiva da diversidade cultural, das relações e identidades de gênero, das questões étnicas e religiosas, entre outras como condição para a constituição identitária das crianças desde a Educação Infantil (PEREIRA, MIZUSAKI, 2015, p. 2).

É necessário que as escolas trabalhem essa temática em sala de aula com os alunos/a desde a Educação Infantil, onde os/a alunos/a interagem com os/a outros/a e entende através do respeito e de atividades lúdicas a aceitar o diferente, fazendo assim, com que recusem qualquer ato de preconceito seja ele dentro ou fora do ambiente escolar.

Diante disto, um dos grandes desafios parece ser, ainda, o de como construir um ambiente escolar que haja diálogo sobre a diversidade de sujeitos e concepções, levando em consideração que a educação é direito de todos/a e a escola se constitui em um espaço público.

Discutir as questões de gênero na educação significa discutir práticas educacionais cotidianas, assim como desigualdades sociais nas escolas brasileiras. Neste sentido, se busca destacar que trabalhar as questões de gênero na escola ainda é uma problemática bastante trabalhosa e polêmica, principalmente na educação infantil onde a escola junto às professoras e professores esforçam-se para desenvolver nos alunos sua criticidade e curiosidade para novas descobertas. Com isso, contribui-se para reconhecer as diversas formas de expressão do indivíduo, e respeitar as diferenças de gênero.

É de grande valor investir em políticas públicas para a formação inicial e continuada para professoras e professores e, também incluir os estudos de gênero nos cursos de formação

docente para que seja efetivada, pois sabe-se que este assunto ainda é muito defasado nas escolas em relação a prática docente.

É importante promover uma reflexão a respeito do tema para que por meio dela, os/a professores/a despertem o desejo de mudança em cada aluno, frisando o importante papel do/as docente em combater qualquer tipo de discriminação em sala de aula e ressaltando a importância da escola em formar cidadãos que respeitem a diversidade cultural do outro/as.

2.2 A Historicidade do desenvolvimento da Infância

Nota-se que atualmente as crianças no século XXI são consideradas como seres frágeis, imaturas, cuja sua empatia retrata aos familiares e/ou amigos/a aos cuidados extremos, afeto, carinho, proteção para com elas onde possuem direitos e deveres na sociedade atual, junto com o sentimento de infância, que foram construídos ao longo dos séculos. Mas será que as crianças sempre foram vistas e tratadas/cuidadas com afeto pela família? Será que as crianças tiveram Infância nos séculos passados? É hoje, como está constituído a Infância?

Para podermos entender de forma mais suscita sobre o desenvolvimento da infância no Brasil, primeiramente vamos abordar o seu percurso histórico desde da época da Idade Média, período este que consistiu entre os séculos V e VX, onde iniciou-se grande interesses voltados para as crianças, sobre tudo, a inserção das crianças em seio familiar, o seu aspecto comportamental, visando cuidados e práticas educacionais com bastante influência da Igreja Católica (europeia), e, para fomenta esses acontecimentos históricos, vamos utilizar como referencial teórico o filósofo francês Philippe Ariès (1978) que ressaltam seu livro sobre “A Construção da Infância nas Famílias”, nas diferentes camadas sociais e épocas.

Ao se tratar da importância e a construção do processo histórico de Infância no Brasil, aqui esse processo iniciou bem tardio, visto que, em outros países já estavam bem adiantados em relação aos cuidados voltados para crianças, no entanto, a escolarização no exterior não era garantida para todas, uma vez que o ensino educacional era restrito, e somente as famílias que possuíam condições de renda elevada tinham acesso à educação escolar. Mas o olhar de importância para as crianças no Brasil só foi destacado durante os meados do século XIX com a inserção das mulheres nas indústrias, que se estalaram em

nosso território e os olhares de estudiosos sociais que defendiam a retirada das crianças do mercado de trabalho. Para entender sobre essa construção/transformações voltada para a construção da infância/criança, vamos utilizar como referencial teórico Corazza (2002) que abordar os fatores históricos decorrente da inicialização da Infância no Brasil.

A priori, os/as pequeninos/a nem se quer eram chamados/a de crianças durante a Idade Média (XV), o termo “criança” foi construído com o passar do tempo, logo, não tinham se quer afeto paterno e/ou materno principalmente aquelas nascidas e/ou criadas no contexto financeiro de baixa renda, ou muito menos Leis que garantissem seus Direitos e Deveres enquanto Criança. Como a família não tinha uma relação afetiva com as crianças, após os 7 ou a 8 anos de idade as crianças já eram consideradas e chamadas de “adultos juvenis” e expostas trabalhos severos, já que não existia o sentimento de Infância, o máximo que tinham era o sentimento superficial chamada por Ariès de “paparicação”, que era transmitida pelas pessoas próximas das crianças, que segundo o autor,

Era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como com um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ARIÈS, 1978, p. 10).

Desse modo, na visão dos adultos, as crianças eram comparadas com um “animalzinho”, ou seja, algo fofinho, logo, era exposto ao mundo adulto de forma precocemente e eram denominadas de “adulto em miniatura” (ARIÈS, 1978). No entanto, as crianças trabalhavam nos mesmos locais, usavam as mesmas roupas e eram tratadas da mesma forma que adultos e também sujeitas a todo tipo de abuso sexual, principalmente as crianças do sexo feminino.

A partir do momento que as crianças do sexo masculino apresentavam início de independência física, eram impostas/obrigadas a servirem nas guerras, trabalhos pesados e até mesmo escravizadas, onde o que importava era força física.

O processo da construção de sentimentos pela infância se dá por volta do século XVII onde se inicia o processo de escolarização e o surgimento de pequenas escolas, isso foi o marco na época, pois assim perceberam que a as crianças teriam que ter/receber tratamentos diferenciados em relação aos adultos, e também sob a opressão da tendência reformadoras

da Igreja Católica que destaca a importância de “zelar” a imagem da criança. Segundo o site Portal da Educação,

A Igreja teve fundamental importância, na época, ao associar a imagem das crianças com a de anjos, sinônimo de inocência e pureza divina. Segundo a Igreja, Deus favorece as crianças devido à sua singeleza, que se aproxima muito de sua impecabilidade, impondo uma necessidade de se amar as crianças e colocar a educação na primeira fileira das obrigações humanas, contrariando a indiferença de outrora (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2019, documento online sem paginação).

Devido à grande influência também da educação religiosa com ênfase na predominância do poder eclesiástico, que era o dispositivo central e fundamental da época, retrata o amor incondicional materno para com seus/a filhos/a, utilizando como exemplo as escrituras sagradas, o amor de Maria para com o seu filho Jesus de Nazaré, e esse sentimento foi se alastrando por tempos e ainda permanece em nossa sociedade.

Por mais que se pense que educação religiosa era destinada para todos/a, engane-se, poucos tinham acesso a mesmas, já que era “uma sociedade disciplinarizadora” (NASCIMENTO; SCHEINVAR, 2005), essa educação religiosa infelizmente não abrangia todos/a, logo, essa educação segundo Nascimento e Scheinvar (2005) era diferenciada nas camadas sociais e,

Na medida em que a produção da infância se dá em uma sociedade excludente, o tratamento à população é diferenciado de acordo com os seus recursos materiais. Assim, obedecendo aos princípios da sociedade de classes, a catequese terá propostas e práticas diferenciadas, de acordo com a população à qual se destina. Dessa maneira, a formação da criança variará em função da condição de classe de sua família, sendo que uma família com posses se caracterizará por uma relação pedagógica que a capacita para exercer funções de mando, ao passo que os pobres dependerão dos espaços públicos, que por séculos se restringiam a instituições totalitárias, nas quais eram preparados para servir. Embora de forma distinta e com outros matizes, percebe-se que, de alguma maneira, estas diferenças permanecem cinco séculos depois (NASCIMENTO; SCHEINVAR, 2005, p. 03).

Foi através dos estudos catequéticos, que a ideia de sentimento de infância e a inocência na infância da criança foram ficando reconhecido e ganhando mais viabilidade na sociedade, e de acordo com a obra de Ariés (1978) esse sentimento era destacado mais nas camadas nobres da sociedade, já as crianças pobres não conheciam o verdadeiro significado da infância e ficavam assim a mercê da própria sorte. Mesmo com o grande interesse da Igreja Católica sobre a educação para as crianças, a mesma tinha o interesse de converter as crianças para o “cristianismo”, através do batismo, da comunhão, crismas, assim tornando membros cristãs.

Com o tempo muitas coisas foram se transformando na sociedade de acordo com cada período que a mesma pertencia, mas os olhares para as crianças não foram benéficos para todos e todas, já que, algumas pessoas não seguiam o que era estabelecido no decorrer de sua época. Mas a chegada para o olhar social para a criança no Brasil foi bastante tardia, uma vez que, o contexto da infância já era analisado em outros países por pesquisadores/as que se debruçaram na filosofia, sociologia, história, antropologia psicologia, visando abarcar a realidade sociais, culturais, políticas, econômica no mundo moderno, em buscar de bem-estar, escolarização para as crianças, e o acompanhamento da família perante a criança.

A sociedade estar em constante modificações e o processo industrial fazia parte das vidas/rotinas não só dos adultos como das crianças também, uma vez que as mesmas eram exploradas para o trabalho. Famílias pobres começaram a imigrar da zona rural para a área urbana, em busca de trabalhos, claro que as crianças iam juntas com seus familiares, não é à toa que o índice de mortalidade infantil era elevado nos séculos passados, devido às precárias condições de higiene, saúde e carga horária excessiva de trabalhos tanto para os adultos como para as crianças.

No Brasil no início do século XX se a vasta as indústrias nas capitais e com isso o aumento de número de empregados, por mais que muitas coisas tenham se modificado em relação as crianças, poucas ideias foram colocadas em práticas aqui, no entanto, alguns/a pesquisadores/a começam discussões voltadas para a proteção e direitos das crianças, junto com demais movimentos sociais que buscavam os mesmos ideários.

2.3 Infância do período da Revolução Industrial e suas modificações

O marco da revolução industrial foi o estopim para as garantias de direitos e deveres das mulheres e crianças na sociedade, demorou muito para que isso acontecesse, mas ocorreu devido as grandes influencias de pessoas que defendiam os direitos humanos. O período da Modernidade foi um grande momento onde começaram a ter atitudes voltadas para os cuidados das crianças, graças às mulheres que lutavam pelas causas dos direitos das crianças. A palavra criança foi se construindo com o tempo e preocupações para com elas foram crescendo. Corazza enfatiza que, as atenções voltadas para as crianças no início da modernidade,

Foi somente com a modernidade que começou-se a prestar atenção nas crianças, no seu corpo pequeno, nos cuidados com esse corpo, as crianças então não podiam falar palavrões, tinham que ser polidas, simpáticas e para elas foram criados brinquedos e jogos para o seu desenvolvimento, mas havia proibições e se descumpridas poderiam sofrer castigos, foram criados injeções, tônicos, fortificantes, talcos, pomadas, uma dieta específica, aleitamento materno, manuais práticos de como cuidar de um bebê, enfatizou-se que o adulto também tinha sido criança, criou-se máquinas que faziam exames, cálculos, diagnósticos a respeito das crianças, produzir crianças em laboratório, pequenas provetas, começou a chorar quando os bebês morriam, fazer túmulos, quadro, fotos, roupas com babados, babas eletrônicas, criou-se uma linguagem própria para bebês, entretenimentos para crianças (CORAZZA, 2000, p.).

Mas não pense que com as grandes transformações voltadas para as crianças, todas foram contempladas. Mesmo com essas novas revoluções diante das crianças, poucas eram beneficiadas, já que, com a modernidade os custos para tais cuidados como saúde e higiene custavam muito caros, e somente as famílias que possuíam dinheiro conseguiam usufruir de tais benefícios e quem ganhava com isso era as indústrias, Corazza ainda ressalta as transformações sociais/modificações na sociedade como algo lucrativo e diz,

Todas essas invenções criadas pela modernidade voltada para criança pequena, tornou-se lucrativo. E a modernidade também estabeleceu que coubesse a pais, avós, tios, primas etc, amar as pequenas. Então estabeleceu-se a família, família está responsável em amar, instruir, formar, educar as crianças pequenas. Junto com elas também surgiram governos, conferências, emergentes, médicos, assistencialista, professoras etc, para se ocuparem destes babyssisters; criaram desenhos animados para crianças, com super heróis e bichos papão, e exigir que cada pequeno tivesse um nome um sobrenome, um registro. Crianças pequenas necessitavam de escolas (CORAZZA, 2000, p.).

Devido várias orientações voltadas para os cuidados das crianças, a autora refere-se que a atenção da criança era dirigida a família, que ela era responsável aos cuidados das crianças, no entanto, a criança não passou mais despercebida na sociedade, logo, algumas coisas foram se construindo em nível adequado para as crianças, que antes elas eram tratadas como adultos, se vestiam como adulto, frequentavam lugares dos adultos, e agora são tratadas de forma diferenciada, não frequentando lugares que não eram apropriados para sua idade.

Com as decorrentes transformações da sociedade, muitas coisas foram criadas para legitimar a criança, como criança. A historicidade da construção de direitos para as crianças se iniciara no Brasil com grandes influências dos movimentos feministas na década de 1970, e que também tratavam em suas pautas as questões da educação para as crianças, ou seja, escolas e pré-escolas, creches voltadas para o ensino das crianças.

Diante disso, foram criadas várias teorias de como deveria ser tratada as crianças na sociedade em ênfase também ao ambiente escolar. A criança passa a não ser mais educada somente em seu seio familiar, mas também passa a ser educada por professoras em escolas.

2.4 Percorso histórico Educação Infantil: processo inicial nas escolas

A infância atual nos remete a crianças pequenas, crianças de 0 a 11 anos de idade, o que foi construída socialmente e historicamente na sociedade, sobre a Infância ressaltando as colocações de Bujes (2003)

Portanto, os significados atribuídos à infância são o resultado de um processo de construção social, dependem de um conjunto de possibilidades que se conjugam em determinado momento da história, são organizados socialmente e sustentados por discursos nem sempre homogêneos e em perene. Tais significados não resultam, como querem alguns, de um processo de evolução, nem estão acima e à parte das divisões sociais, sexuais, raciais, étnicas, ... São modelados no interior de relações de poder e representam interesses manifestos da igreja, do Estado, da Sociedade Civil... Implicam intervenções da filantropia, da religião, da Medicina, da Psicologia, do Serviço Social, das famílias, da Pedagogia, da mídia, ... Contudo, esses significados, não são estáveis, nem únicos e as linguagens que usamos ao mudar constantemente, são indicativas da fluidez e da mutabilidade a que estão sujeitos (BUJES, 2001, p. 24-25).

O sentimento de Infância aos poucos foi se construindo e se afirmando em nossa sociedade, sentimento este direcionado as crianças tendo o adulto como o principal responsável aos cuidados, relacionado à proteção, carinho, educação e amor para com as crianças. As crianças que antes frequentavam lugares impróprios, hoje já não frequentam mais, pois existem Leis que proíbem a sua presença ao qualquer lugar ilícito ou inadequado para a sua idade, mesmo com reforços das Leis, muitas crianças ainda são expostas a situações de abandonos, sequestros e abusos sexuais.

A Infância foi se construindo historicamente, cada criança tem sua infância, reinventada da própria infância (SILVA, 2019). Ao tratar de Infância no contexto da Educação Infantil atual, nos remete a convivência de crianças de diferentes classes sociais, gênero, raças, identidades, características físicas e psicológicas que nos direciona a pensar a existência de uma única infância. Com o desenvolvimento da sociedade, criou-se vários discursos a respeito da construção da infância e que a mesma seria um período de

desenvolvimento humano a ser percorrido por todas as pessoas em uma certa faixa etária. A respeito dessa colocação, Corazza, ressalta que.

A colocação do infantil em discurso foi submetida a um mecanismo de crescente disseminação e implantação e a vontade de saber-poder acerca das crianças obstinou-se em construir novas ciências e novas instituições que dessem conta de reparar tal identidade, nascida dependente (CORAZZA, 2004, p. 226).

Educar-se também na escola é um direito de todos e todas, garantido pela Constituição Federal de 1988, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, ainda, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei 9394/96). No que se refere ao ECA essa é uma conquista recente voltada para a proteção das crianças e adolescentes. O ECA assegura em seus 267 artigos, todos os direitos inerentes ao desenvolvimento da criança e do adolescente, independente de classe social. Ele exige dos Governos Municipais, Estaduais e Federal a implementação de políticas públicas direcionadas às crianças e os adolescentes (POLETTTO, 2012).

Assegura no Art. 5º que: Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma de lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 1990, p. 15).

No que se refere a uma parte da Educação Básica, pelo o que já vimos sobre, o ensino da Educação Infantil tem uma história extensa na luta por garantia de direito as crianças. A partir da aprovação da LDB, este nível de ensino passou também a ser prioridade e importante no desenvolvimento da educação da criança pequena de 0 a 6 anos de idade. Em seu artigo 29 é referido que,

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p. 27894).

Sônia Kramer, uma das principais autoras que discute sobre infância e educação infantil, diz que:

O tema de crianças de 0 a 6 anos e seus direitos, a política de educação infantil, as práticas com as crianças e as alternativas de formação vêm ocupando os debates educacionais e a ação de movimentos sociais no Brasil nos últimos 20 anos (KRAMER, 2006, p. 798).

As conquistas pelos direitos das crianças foram e é de grande importância, os Movimentos Feministas contribuíram calorosamente através de reivindicações, debates, para que as políticas públicas sancionassem Leis voltadas para escolarização das crianças, ou seja, creches e escolas para as crianças no nível da Educação Infantil. Fez-se necessário essas colocações, mesmo com as transformações decorrente na sociedade, pois tudo se modifica a cada momento e com isso as atualizações das práticas tomadas para educação também vão se construindo em nosso cotidiano.

Ao se tratar da prática do/a Docente em sala, nos remetemos a prática direcionada para os/a alunos/a, trabalhar com crianças em ênfase ao nível da Educação Infantil, permite construir novas relações interpessoais com o outro/a através da convivência, o meio cultural que estão inseridos/a. Levando em consideração os apanhados sobre esses processos das transformações sociais relacionada a Infância, Educação Infantil e Prática Docente, questiono em meu trabalho como as relações de Gênero e Sexualidade são desenvolvidas em sala de aula com os/a educando e alunos/a?

3. A PRÁTICA EDUCATIVA NA TURMA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E IDENTIDADE

Neste capítulo retrata as observações sobre o contexto da escola Maria Antonieta de Paia, e também as observações das práticas pedagógicas em uma turma de educação infantil no período da manhã, contribuindo ainda para essa pesquisa com entrevista semiestruturada com umas das professoras da turma.

3.1 Trilhando o ambiente da escola Maria Antonieta de Paiva

A escola selecionada para a pesquisa Escola Profª Maria Antonieta de Paiva, faz parte do meu convívio diário, nela atuo como bolsista residente do Programa Residência Pedagógica (PRP) em uma turma do 4º ano no período da tarde. Foi então o desejo de realizar essa pesquisa demonstra diversidade cultural contida nela, a priori cogitei-me a pesquisar as relações de Gênero e Sexualidade no Ensino Fundamental menor 4º ano, mas algo me inquietava, foi então que através das observações nos horários do recreio, observando os/a pequeninos/a lancharem com auxílios das professoras, surgiu um grande desejo de pesquisar as relações de Gênero e Sexualidade na Educação infantil a cabo das práticas das educadoras em sala de aula com as crianças. Foi uma transição desafiadora e magnífica, pois, na Educação Infantil percebi que as relações de Gênero estão constantes neste espaço peculiar entre as crianças.

Em conversa com a direção (Diretora, Coordenadoras Pedagógicas) da escola sobre a temática da pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a mesma autorizou para fazer as devidas observações em sala de aula e no ambiente escolar, e deixou livre a escolha de 1 turma para então iniciar-se os processos iniciais da pesquisa. A pesquisa em *locus* perdurou nos meados do mês de junho de 2019 até os meados do mês de agosto de 2019. A escola pesquisada possui 3 turmas de Educação Infantil, sendo 2 no período da manhã e 1 no período da tarde, a pesquisa e observações situa-se em uma das turmas do turno da manhã com equivalente (total de alunos/a) e com duas Professoras que conduzem as práticas em sala de aula.

Por escolhas das Professoras, os nomes aqui citados em relação a elas são fictícios, para uma melhor precaução perante a elas. Professora 1 a qual denominei de Maria e também a qual realizei a entrevista e Licenciada em Pedagogia e atua como professora a mais de 32, sendo 12 anos de atuação na zona rural, e 16 anos em demais localidades e 4 anos como professora na escola pesquisada. A professora 2 a qual denominei de Nazaré é também licenciada em Pedagogia e atua como professora a 15 anos.

Ao escolher uma das turmas da educação infantil para iniciar a pesquisa, conversei com a 1ª professora (Maria) titular da turma sobre o foco da minha pesquisa, a mesma autorizou-me fazer as observações na sala de aula e também autorizou fazer a entrevista com ela, por diante verificou os documentos e pôs assinar. Em conversa, ela solicitou-me que poderia iniciar as observações no dia seguinte.

No Período que iniciei a pesquisa em sala de aula no mês de junho, fui informada pela professora Maria que a outra professora que se encontrava presente na sala de aula estava substituindo a professora Nazaré, é que estava de licença da escola por motivos de saúde, é que a professora Nazaré provavelmente estaria de volta no mês de agosto. Sendo assim, realizei as observações nos meados dos meses de junho e de agosto com a presença também da professora substituta e da professora Nazaré. Destaco aqui somente as observações das Professoras Maria e Nazaré, pois a professora substituta não me autorizou fazer as anotações sobre suas práticas em sala de aula. No entanto, realizei a entrevista somente com uma educanda, pois a outra professora Nazaré articulou que não estava apta para realizar entrevistas devido alguns problemas de saúde, logo, solicitou-me a penas cita-la nas observações em sala de aula e no ambiente escolar.

3.2 A organização pedagógica e curricular da Educação Infantil

A organização curricular e pedagógica da Educação Infantil tem-se a seguir linhas de estudos diferenciadas e específicas que leve em consideração a realidade local do/a aluno/a é o que prescreve os referenciais para com o trato organizacional e pedagógico da Educação Infantil. Sobre essa questão, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) enfatizam que,

No Brasil nem sempre foi aceita a ideia de haver um currículo para a Educação Infantil, termo em geral associado à escolarização tal como vivida no Ensino Fundamental e Médio, sendo preferidas as expressões ‘projeto pedagógico’ ou ‘proposta pedagógica’. A integração da Educação Infantil ao sistema educacional impõe à Educação Infantil trabalhar com esses conceitos, diferenciando-os e articulando-os (BRASIL, 2009, p. 06).

Elaborar um currículo específico para a Educação Infantil, faz-se pensar no desenvolvimento de forma única em relação a construção social das crianças, onde esta vive o processo cultural em constante transformações. O currículo é diferenciado dos demais currículos da Educação Básica, tornando-o a prática de ensino diferenciada em relação as outras turmas.

A prática pedagógica ocorre com a intervenção das dinâmicas contidas no currículo, com o planejamento e elaborações do Projeto Político da Escola que é construído visando abranger todas as turmas do Ensino Básico. Essa construção de planejamento deve ser

comumente articulada e desenvolvida na prática pedagógica dos/a docentes para que ocorra o desenvolvimento gradativo dos/a alunos/a em seu processo de ensino-aprendizagem.

Em relação à organização do currículo Oliveira (2012), diz que

[...] a instituição de educação infantil organiza seu currículo, que pode ser entendido como as práticas educacionais organizadas em torno do conhecimento e em meio às relações sociais que se travam nos espaços institucionais e que afetam a construção das identidades das crianças (OLIVEIRA, 2012, p. 73).

Nesse caso, o que se refere a ação pedagógica planejada para a Educação Infantil, as DCNEI também se referem ao planejamento das atividades, afirmando que,

Um bom planejamento das atividades educativas favorece a formação de competências para a criança aprender a cuidar de si. No entanto, na perspectiva que integra o cuidado, educar não é apenas isto. Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis (BRASIL, 2009, p. 10).

Logo, as escolas também participam da produção das identidades de gênero, sexuais, de cultura, de etnia de raça, etc. ensinando modos de ser, estar, de se comportar na sociedade. Para Louro (1997, p. 64),

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagens, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores.

Assim, no espaço da escola, o silenciamento de algumas questões, alguns gestos que fazemos, as piadas que contamos, os brinquedos e os materiais didáticos que usamos, vêm contribuindo na construção das feminilidades e masculinidades, ou seja, vem fabricando alguns modos de ser menino e menina (BARRO E RIBEIRO, 2010)

3.3 Sala de aula: Construção de identidade de gênero entre as crianças

A sala de aula da turma da Educação Infantil é um espaço bem amplo que abrange todas as crianças. O espaço é decorado com atividades de colagem, pinturas coloridas que os/a alunos/a produzem no decorrer da semana e ficam fixadas nas paredes. O referido espaço conta com cadeiras e mesas adequadas para a comodidade das crianças, no entanto, em alguns

ambientes da escola, não proporciona espaço adequado ao tamanho das crianças, no que condiz a respeito do espaço voltado para a Educação Infantil, Montessori (2017) declara que o espaço escolar de conter,

O mobiliário adequado, pelas dimensões, pelo aspecto agradável e convidativo permitirá a atividade espontânea e de ordem. As mesas, as cadeiras, as pequenas poltronas, leves e transportáveis, permitirão à criança escolher uma posição que lhe agrada. Ela poderá, por seguinte, instalar-se comodamente, sentar-se em seu lugar. Isso lhe constituirá, simultaneamente, um sinal de liberdade e um meio de educação (MONTESSORI, 2017, p. 53).

No período da manhã por volta das 7h os alunos/a rezam a oração do Pai Nosso em um pequeno pátio, após o termino da oração são direcionados para suas salas de aula com auxílios de seus professores/as. As crianças da Turma da Educação Infantil são as que mais necessitam de atenção nesse momento para adentrar em suas salas, pois ficam agitadas com os/a demais colegas, causando tumultuo entre eles/as.

Na sala de aula, todos os dias umas das professoras ficam em sua mesa organizando as atividades, enquanto a outra saúda as crianças com “BOM DIA” e de imediato as crianças respondam em alto som “BOM DIAAA” e começam a rir uma para outras. Todas as manhãs a Professora Maria conversa com as crianças, perguntando, “tudo bem com vocês?”, “como foi o dia de vocês?”, “dormiram bem?”, “escovaram os dentes?”, “beberam café?” e, entre outras perguntas. Algumas crianças respondem, outras ficam sentadas ou conversando com alguma/u colega ao lado. Após, a professora Maria canta algumas canções infantis e alegres alguns/a os/a alunos/a acompanham cantando e demonstrando fisicamente os gestos que a música contem, outros ficam só observando.

Em um dos dias das observações em sala de aula, uma aluna se se põe a chorar, pois estava com saudade da mãe dela, para onde a professora Maria ia, a aluna ia atrás dela chorando, foi então que a professora Maria virou-se e disse para a aula, “*Tamanha moça e fica chorando aí, daqui a pouco bate a camp e nós vamos embora. Moça não chora*”.

A aluna pausa seu choro por alguns segundos, e depois começa a chorar novamente, a professora Maria ainda fala, “*olha, teu pai foi comprar comida e a tua mãe foi estar lavando louça em casa*”.

Diante destas colocações a professora Maria nos demonstra um fator de comparação entre criança e moça, a qual ela associar a aluna como se fosse uma adolescente, e que a

mesma não deveria chorar, como se moças não chorassem. Ao refletir isso para a aluna, a criança entende que ela não é criança é sim moça, ou seja, isso poderá refleti mais tarde em relação a algumas atitudes da aluna no seu convívio familiar e escolar.

Após voltarem de um período de férias, as crianças exibem seus novos materiais escolares como mochilas, cadernos, lápis de cor, apontadores, etc., para seus/s colegas cada material condiz com personagens diferentes de abordagem de desenhos animados, como “Maxicars”, “Thunder Breake”, “Frozen”, “Beauty”, “Marvel Avengers, Thor”, “Hot Wheels”, Michei e Minie”, “Era do gelo”, “Princesa Sofia”, “Gatinha Marie”, “Pluto”, Speed Car”, Patrulha canina” e Teen titans go”.

Os materiais das meninas se destacavam nas representações das cores rosas, lilás e dos meninos nas cores preta, azul escuro. No que diz respeito a essas escolhas de matérias padronizadas,

Neste aspecto, artefatos culturais, como filmes infantis de animação têm reproduzido normas sociais à infância, uma vez que as crianças assistem a esses filmes inúmeras vezes decorando músicas, gestos e diálogos, de modo que estes discursos produzem um currículo cultural que ensina comportamentos, hábitos e atitudes (MATTARA, 2019, p. 19).

Dessa forma, a influência midiática, como a televisão, internet, filmes, desenhos fazem parte desse processo de construção do “eu” infantil, elaborado a partir da escolha do sujeito, e a escola é um dos espaços onde os sujeitos disseminam as suas opções dos materiais escolares e que refletem ao seu desejo ter e possuir determinado objeto.

As colocações da professora Maria sobre a influência midiática nas escolhas dos materiais escolares “padronizados” das crianças, respondeu que,

Geralmente eles querem comprar um caderno que tenham... Deus o livre se um menino aparecer com um caderno com capa de menina, e a menina aparecer com caderno em capa de menino, eles usam isso como representação deles, dizem eu sou tal herói, ou eu sou tal princesa, só que nós tentamos mostrar para eles que não é assim né, e que todo mundo tem que viver igual, respeitando um padrão do outro

Mattara ainda acrescenta que,

Os filmes exercem determinada pedagogia cultural, como espaço de constituição de gênero e sexualidade, como construtores de uma heterossexualidade normativa, contribuindo, de forma expressiva, para (re) afirmação de uma forma da sexualidade normal, legítima e natural que acarreta saberes no âmbito escolar, sendo esta a heterossexualidade, cuja opção amorosa é atribuída a uma pessoa de gênero oposto, sendo a união

necessariamente com um/a único/a parceiro/a e de caráter legal e de preferência religioso (MATTARA, 2019, p. 19-20).

Nesse contexto, cabe também aos educadores/as ficarem atentos e reflexíveis as atitudes de construção de identidades das crianças, pois esse processo inicial se caracteriza pelo desenvolvimento de personalidade de cada um/a, ensinando a valorizar a diferença, fazendo estimular a formação crítica e questionadora através de rodas de conversas, ou até mesmo demonstração de filmes infantis, como artefato de transmissão de cultura e valores que deve ser questionado e não apenas aceito como verdade.

3.4 Brincadeiras: Recreio e sala de aula

A escola não possui um espaço amplo para convivência dos/a estudantes. Uma vez que os números de alunos/a são elevados para aquele ambiente. Não é à toa que as crianças das duas turmas da Educação Infantil são as primeiras a sair para lanche, devido serem pequenos/a não fazem refeições com os/a estudantes maiores de outras turmas, o pátio da escola também serve como refeitório, mas não abrange todas as turmas ao mesmo tempo.

As crianças merendam sentadas em um banco enorme junto a uma mesa grande, algumas precisam de auxílios durante a alimentação, o decorrer dos lanches as crianças comem e conversam ao mesmo tempo com os/a colegas do lado, depois da refeição são liberadas para brincarem, mas sempre observados pelas professoras. Após alguns minutos as demais turmas são liberadas para assim fazer suas refeições, pois o refeitório não é espaçoso para todos/a. Sendo assim, as crianças maiores e menores dinamizam suas brincadeiras ora juntas, ora separadas, no pátio, corredores ou no terreno da escola.

No que diz respeito sobre o espaço escolar apropriado e voltado para as crianças, Nunes (2012) retratam que,

Os espaços internos deverão atender as diferentes funções da unidade de educação infantil e conter uma estrutura básica que contemple: espaço para recepção e secretaria; sala de professores e sala para serviços pedagógicos, administrativos e de apoio; salas para atividades com 1m² de área livre por criança, mobiliário e equipamentos adequados ao alcance das crianças (NUNES, 2012, p. 87).

No entanto, a instituição não possui espaços suficientes e adequados para a realização de atividades apropriadamente entre alunos/a, professores/a, funcionários/a, devido sua estrutura física não estar de acordo com as exigências educacionais, o que acaba impossibilitando a convivência harmoniosa entre todos/a, devido esses fatores. Os alunos/a da educação infantil na maioria das vezes no horário do recreio são vigiados pelos/a professores/a devido ao seu pequeno porte para lidar com os/a alunos/a de outras turmas, que acabam exagerando nas brincadeiras gerando algumas das vezes agressões físicas com as crianças menores.

O recreio é o momento mais esperados pelas crianças, onde lancham, e brincam ao redor da escola, onde as brincadeiras são mais visíveis, as carreiras são inumeráveis, as falácias em alto som, o suor espalhado pelos rostos das crianças são adquiridos a partir das correrias entre elas. Meninos e meninas brincam de “pega-paga”, “polícia e ladrão”, “pira cola” “pira coca” etc. as crianças da Educação Infantil brincam entre elas/e, mas algumas vezes acabam brincando com outros colegas de outras turmas. Esse momento é de suma importância para a interação social, entre as crianças, Souza destaca que,

O recreio é um espaço, um tempo, é um momento da socialização entre os atores sociais, expressa liberdade permite interação entre os pares. É um momento reflexivo, ativo interligado ao momento da liberdade, habilidade e prazeroso. Pode ser harmônico entre o individual e o coletivo, desenvolve aprendizagem – um momento instituído em documentos legal e pedagógico. O tempo de recreio é representado como: hora de aula, hora de recreio, hora de atividade (SOUZA, 2009, p. 68).

As brincadeiras entre as crianças no espaço escolar são constantes, principalmente no recreio, meninos e meninas se misturam no momento mais esperados por todos/a, as crianças maiores se põe a brincarem de brincadeiras mais elevas, na qual exigem mais forças, rapidez e agilidade, enquanto as crianças menores brincam nos corredores, no pátio e também no ambiente externo (terreno) da escola.

Souza (2009) argumenta que no ambiente escolar,

O brincar no recreio possui um sentido histórico, este tempo já vem sendo apontado por alguns pesquisadores como espaço para a interação entre as crianças por meio de brincadeiras. As crianças falam do recreio como momento muito importante, o brincar é constituído historicamente pelas brincadeiras tradicionais alicerçado em práticas sociais (SOUZA, 2009, p. 73).

Nas observações pude perceber que geralmente as professoras da Educação Infantil eram notificadas por uns dos funcionários das escolas sobre o horário do lanche, que

normalmente iniciava as 9hs:10min e finalizava as 9hs30min. O recreio se torna uma brecha para a ludicidade das crianças, uma vez que, a maioria dos/a estudantes aproveitam o momento para lanche, beber água, ir ao banheiro. Outros autores como Franz, Peruzzo e Rodrigues afirmam que,

O recreio é a ocasião em que a criança espera ansiosa para poder se distrair, brincar e realizar diversas atividades. É também, o momento para os professores analisarem as atividades realizadas pelos alunos, suas ocupações, com quem andam, o que fazem, quais espaços ocupam e, dessa forma, refletir sobre a cultura existente neste ambiente, agregando novos, saberes à sua prática pedagógica (2015, p. 41267).

O ato de brincar estimular o contato, o conhecimento do/a outra/o através da diversidade cultural de cada um/a. O brincar se torna um meio de grande importância na construção dos/a sujeitos/a, sendo assim, as relações com as diferentes diversidades contida nas crianças são necessárias para a construção de identidades de cada um/a.

De acordo com Vygostky (1997), o brincar infantil não pode ser considerado apenas soma brincadeira superficial, sem nenhum valor, pois, no verdadeiro e profundo brincar, acordam, despertam e vivem forças de fantasias que, por sua vez, chegam a ter uma ação direta sobre a formação e a estruturação do pensamento da criança.

Na sala de aula as brincadeiras eram frequentemente entre alunos e alunas, geralmente ocorriam no horário próximo da saída das crianças. Durante as observações percebi que tanto meninas e meninos partilhavam dos poucos brinquedos que continha na sala de aula. Quando se trata da ludicidade na Educação Infantil, esse processo da dinâmica entre o brincar se faz necessário, uma vez que

O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p. 22).

Por tanto, não se pode inibir as crianças ao acesso da ludicidade na Educação Infantil, pois é nela que se inicia o processo de construção de gênero através da interação com o meio, assim construindo o seu processo de identidade através do convívio com as demais pessoas.

3.5 Prática pedagógica: docentes em sala de aula

A respeito das práticas das docentes em sala de aula com os/a aluno/a da Educação Infantil, e de suma importância para esta pesquisa, cujo enfoque é analisar a ação pedagógicas das professoras em sala de aula através das observações e das entrevistas. Felipe (2012) relata sobre o espaço escolar como,

A instituição educativa infantil é um dos espaços de constituição das identidades infantis onde as crianças passam o maior tempo de sua infância, é nesse contexto, também, que são demarcados os limites na experimentação e na expressão de ser menina e menino. Portanto, as professoras precisam refletir de que forma exercem o controle na manifestação da sexualidade e gênero no espaço educativo. Por isso, é imprescindível realizar discussões e estudos em torno das relações de gênero e sexualidade nessas instituições, possibilitando que as professoras possam sentir-se mais confortáveis nos momentos em que precisam desenvolver um trabalho com o seu grupo de crianças, contribuindo também para que elas se percebam na sua constituição das identidades de gênero e sexuais (FELIPE, 2012, p. 236).

A prática em sala de aula nos remete a inclusão social das identidades dos sujeitos, diante disso, no PPP da escola Maria Antonieta de Paiva é afirmado que a escola,

Reconhece aluno e o professor como sujeitos socioculturais dotados de identidade própria, com gênero, raça, classe social, visões de mundo e padrões socioculturais próprios a serem levados em consideração através das práticas docentes e avaliativas tendo em vista uma apropriação efetiva e significativa do conhecimento (p. 26).

A relação entre docentes e discentes na sala de aula é importante, pois é com a prática em sala de aula que os/a educandos/a vai se reconstruindo as suas características indenitárias perante o meio que o cerca. Ao ser questionada sobre as abordagens de questões de gênero e sexualidade em sala de aula a professora Maria disse que,

Olha, fica um pouco difícil porque é uma fala que hoje em dia as vezes se torna até em discussão, porque os pais muitos não gostam nem que comente com os filhos em sala, mas ao meu ver é muito importante porque você orientar as crianças desde de pequeno a respeitar o seu espaço, não deixando tocar no seu corpo, se respeitando né, a menina tudo que acontecer com ela contar para a mamãe contar para o papai né, só que tem famílias que não tem esse diálogo com as crianças, se não for nós professoras em sala de aula para orientar e conversar com as crianças... É por isso que acontece muito o abuso sexual o estupro né, por motivos dessa fala que os pais hoje em dia não são abertos, uns ficam com vergonha e acharem que as crianças são muito crianças, como eles dizem, para esta falando sobre isso, mas eu a credito que a prevenção vem desde de lá, desde a infância, desde os 4 aninhos, você já tem que dar uma aula educativa para as crianças para que isso não ocorra.

Esse diálogo entre a professora condiz muito mais com as questões da educação voltada para sexualidade em sala de aula, onde que o pai ou mãe das crianças não aceitam que as educadoras dialoguem com seus/a filho/a sobre. Um dos motivos destacados por muitas professoras, é o medo de serem mal interpretadas pelas famílias das crianças (FILHA, 2012, p. 21).

No que se refere a prática em sala de aula das relações de gênero, Cardoso e Paiva (2018) retratam que,

Quando se trabalha questões de gênero, é para que os alunos entendam que nós vivemos em uma sociedade diversificada, onde existem outros gêneros além da heteronormatividade e que é necessário que se estabeleça uma compreensão entre os gêneros, é uma tentativa inclusive de neutralizar essa imensa violência que a classe dos LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero) sofrem diariamente (PAIVA; CARDOSO, 2018, p. 34).

O aprendizado das crianças da Educação Infantil, desde cedo contribui para o respeito da diversidade com o/a outro/a, por isso, são necessárias as abordagens das relações de gênero desde a pré-escola, para que as crianças enriqueçam suas construções de identidades e respeito das diversidades contidas nelas.

Argumentam Felipe, Guizzo (2004) sobre a partir de pesquisas realizadas em algumas escolas de Porto Alegre (RS),

Mesmo que de forma não intencional, algumas professoras acabar reproduzindo as desigualdades de gênero existentes na sociedade, a partir de concepções essencialistas, pautadas em uma “natureza” capaz de determinar irremediavelmente os comportamentos masculinos e femininos (FELIPE; GUIZZO, 2004, p. 32).

Ao relacionar a convivência das crianças na sociedade Felipe, Guizzo (2004) ainda acrescenta que,

[...] as opiniões das crianças, na maioria das vezes, são influenciadas pelos discursos que elas escutam dos familiares e das pessoas com quem convivem. [...] desde pequenas, elas já se acostumam a “classificar” determinados hábitos, comportamentos, gestos, falas e atitudes como sendo adequados e próprios para homens e mulheres (FELIPPE, GUIZZO, 2004, p. 37).

Na entrevista a professora ora confundia as questões de gênero e sexualidade, ao responder sobre se ela se sente preparada para trabalhar a temática e sala de aula destacou

que, *“Não tenho vergonha de falar, eu nunca tive vergonha de falar, pelo menos no termo de ciências tempos que falar mesmo sobre a mudança do corpo, a sexualidade”*.

A professora Maria enfatizava mais sobre a educação sexual, do que as relações de gênero, pelo fato de ela destacar a fala sobre sexualidade como um processo das ciências biológicas, e por isso abrange isso em sua turma. Lembrando que a sexualidade também é construída culturalmente, socialmente e historicamente na sociedade.

Em relação as colocações do governo atual sobre as inibições comentar as relações de gênero e sexualidade em sala de aula a professora Maria respondeu,

Eu acho uma ignorância, porque o mundo que nós vivemos hoje com toda essa tecnologia, as vezes os pais pensam que as crianças são tão imaturas, as vezes excluem alguma coisa para as crianças não ouvirem né, e no fundo as crianças sabem mais do que eles.

Tanto nas observações como nas entrevistas a professora repassa atos diferentes em relação aos assuntos de gênero e sexualidade. Nas observações pude perceber que as professoras não procuram questões norteadoras para socializar os processos de construção de gênero e sexualidade com os/a alunos/a.

Conhecer o cotidiano escolar, as práticas em sala de aula com as professoras e alunos/as da educação infantil e os documentos que rege a instituição de ensino foi importante para análise desta pesquisa, onde visa a construção das relações de gênero e sexualidade em sala de aula desde da educação infantil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para início deste trabalho, fez-se necessário uma pequena abordagem histórica sobre gênero, sexualidade, Infância, educação infantil, em relação a inicialização na sociedade brasileira, levando a cabo as práticas educacionais das professoras de uma turma de educação infantil voltada para sala de aula.

As questões de gênero surgiram no Brasil a partir de colaborações e reivindicações das mulheres que buscavam e buscam direitos iguais para ambos sexos. Também nos movimentos feministas foram pautados como a construção de pré-escolas para as crianças pequenas, uma vez que, as indústrias necessitavam de mão de obra feminina para o trabalho, mas as mães não tinham com quem deixá-los seus filhos/a ficavam a mercê de cuidados de outras mulheres que recebiam dinheiro para ficar com as crianças, daí também a necessidade

de construir pré-escolas para as crianças pequenas, onde as mães e pais podiam trabalhar e ficar despreocupadas com os/a pequeninos.

O processo da construção da infância aos poucos se fomentando no Brasil, a criança que antes não tinha cuidados de seus familiares, convivia no mesmo ambiente que adulto, hoje perpassa pela nova era de construção social, histórica e cultural, com leis que garantem sua total proteção, leis que garantem direito de ter acesso a escola. Toda forma de lutas para a proteção das crianças ainda é atual em nossa sociedade.

Nesta pesquisa pude perceber que trabalhar as questões sobre gênero e sexualidade em sala de aula em uma turma de educação infantil, mesmo com crianças pequenas, ainda não é bem articulada entre professoras e alunos/a, visto que, nas observações pude perceber que perante aos discentes a professora destacava em suas falas, ora, processo de desconstrução cultural das crianças, que visa refletir a construção de comportamentos preconceituosos até mesmo em sala de aula. Xavier Filha (2012) aborda,

As práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições educativas, permeadas e ancoradas por vários dos discursos hegemônicos de muitas professoras e professores, constroem um tipo de infância sexuada. Estas concepções são comumente reforçadas por discursos religiosos, moralistas, adultocêntricos, pretendendo-se verdades indiscutidas sobre expressões e vivências da sexualidade para os/as pequenos/as (XAVIER FILHA, 2012, p. 24-25).

As considerações aqui citadas a respeito das observações no contexto escolar, relata a convivência diária da criança da escola, juntamente com as professoras e também a ausência de práticas pedagógicas sobre gênero e sexualidade voltadas para a sala de aula e o contexto escolar.

É necessário destacar e ser abordado na prática docente às relações de gênero e sexualidade na educação infantil, onde os/a alunos/a interagem com os/as outros/a e entendem através do respeito e de atividades lúdicas a aceitar o diferente e a diferença do/a outro/a, fazendo assim, com que recusem qualquer ato de preconceito, homofobia, seja ele dentro ou fora do ambiente escolar, situando assim a construção da convivência que visa gerar o respeito pelo os/a outros/a.

Portanto, se faz necessária contribuições de formações continuadas ao aspecto desta temática que retrata os processos iniciais das construções de identidades no ambiente escolar, uma vez que as práticas docentes na turma da educação infantil não refletem ao processo de construção social das crianças e sim de desconstrução. A escola como mediadora também

das construções de gênero e sexualidade, deve estabelecer em seu currículo as colocações de formações continuadas para os/a professores/as para que possam construir gradativamente práticas a parti das construções de gênero, sexualidade, cultura dos sujeitos/a que o a cercam diariamente.

REFERÊNCIAS

- ACARÁ. **Projeto Político Pedagógico da E. Maria Antonieta de Paiva**. Acará: SEMED, 2019.
- ACARÁ. **Dados Estatísticos da E. Maria Antonieta de Paiva**. Acará: SEMED, 2017/2018.
- ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BANDEIRA, Lourdes. **Fortalecimento da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres**: Avançar na transversalidade da perspectiva de Gênero nas Políticas Públicas. Convênio Comissão Econômica para América Latina e Caribe – CEPAL e Secretaria Especial de Política para as Mulheres, SPM. Brasília, Janeiro, 2005
- BARROS, Suzana da Conceição de. RIBEIRO. Paula Regina Costa. **As questões de gênero nas escolas**: discursos das equipes pedagógica e diretiva. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010
- BUJES, M. I. E. **Infância e maquinarias**. Porto Alegre: UFRGS/FACED. PPGEduc. 2001.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Tema Transversal Orientação Sexual. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF, 2001. 10v.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL, Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, **Estatuto da Criança e do Adolescente** – ECA.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. p. 27894.
- BRASIL, 1998. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: introdução. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Brasília, SEF, 1, 101 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho nacional de Educação básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Parecer CNE/CEBN, 20/2009.
- CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- CORAZZA, S. M. **História da infância sem fim**. 2º ed. Ijuí: Ijuí, 2004.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Infância e educação**: Era uma vez- quer que conte outra vez? Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

FELIPE, Jane. **Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação:** Possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. Sessão Especial da 29ª Reunião Anual da ANPED, Currículo e desconstrução da subalternidade: gênero, meio-ambiente e emancipação social, em 2006.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. *In:* MEYER, D.; SOARES, R. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p.31-40.

FELIPE, Jane. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. *In:* XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Editora UFMS. 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FRANZ, Edilaine, PERUZZO, Joice, RODRIGUES, Lilian B. S. A Cultura do Brincar no Recreio Escolar. *In.* **XII Congresso Nacional de Educação**. Brasil, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br>. Acesso em: 27 ago. 2019.

HALL, S. Quem precisa de Identidade? *In*____; SILVA, T. T.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003, 133P.

KRAMER, Sônia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil:** educação infantil e/é fundamental. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96. Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

LOCKMANN, Kamila. Consórcios entre pesquisas: possibilidades para o aprofundamento dos estudos qualitativos no campo da educação. *In:* VEIGA-NETO, Alfredo. (Org). **Pesquisas em Educação:** experimentando outros modos investigativos. Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD. Volume 18. Rio Grande: Editora da FURG, 2013, p. 41-53.

LOURO. Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *In.* **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa, PT: Porto Editora, 2000.

MATTARA. B. G. **Infância e construção normativa de gênero e sexualidade:** A construção do padrão normativo nos filmes de animação infantil. São Paulo: São Carlos, 2009.

MILANEZ, Nilton; SANTOS, Janaína de Jesus. **Análise do discurso:** sujeito, lugares e olhares. São Carlos: Claraluz, 2009.

MONTESORI, Maria. **A Descoberta da Criança:** Pedagogia Científica. Tradução Pe. Aury Maria Azélio Brunetti. São Paulo: Kíron, 2017.

NASCIMENTO, Maria Livia do; SCHEINVAR, Estela. **Infância:** Discursos de Proteção, Práticas de Exclusão. Estudos e pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 5, N. 2, 2º semestre de 2005

NUNES, Maria Fernanda, FILHO, Aristeo Gonçalves Leite. Direitos da Criança à Educação Infantil: Reflexões sobre a História e a Política. In: KRAMER, Sônia; NUNES, Maria; CARVALHO, Maria (orgs.). **Educação Infantil: Formação e Responsabilidade**. 1ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PAIVA, Fellipe; CARDOSO, Joicy. Escola sem partido: uma proposta inovadora? In: SOUZA, Alexandre (org.). **Política educacional e papel do estado em tempos atuais: análises, perspectivas e possibilidades**. (Séries Estudos Reunidos, volume 58). Jundiaí: Paco Editora, 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

PEREIRA, Ana Paula Garvin Klein; MIZUSAKI, Renata Aparecida Carbone. Formação de professores(as) e as relações de gênero na educação infantil. **Rev. Educa**, Porto Velho (RO), v.2, n.3, pp. 78-91, 2015.

PERES, Wiliam (2005). O mal estar das sexualidades e dos gêneros contemporâneos e a emergência de uma psicologia queer. In: **Gênero, Corpo e @tivismos**: SOUZA, Leonardo Lemos *et all* (Orgs.). EdUFMT, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012, p.39-56.

POLETTTO, Letícia Borges. A (des) qualificação da infância: a história do brasil na assistência dos jovens. In: **IX ANPED SUL Seminário de pesquisa em educação da região sul**. Brasil. 2012.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Histórico do Desenvolvimento da Infância desde a Idade Média até os dias de hoje**. Colunista Portal – Educação. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/historico-do-desenvolvimento-da-infancia-desde-a-idade-media-ate-os-dias-de-hoje/26666>. Acesso: 17/09/2019.

SILVA, Fabiane Ferreira da. Acerca de uma contemporaneidade tecnológica na educação. In: VEIGA-NETO, Alfredo (org). Pesquisas em Educação: experimentando outros modos investigativos. **Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD** Volume 18. Rio Grande: Editora da FURG, 2013, p. 93-111.

SILVA, Ricardo. As sexualidades e as infâncias nas(das) escolas de E(e)ducação infantil. In: RIBEIRO, Cláudia (org.). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil**. Lavras: UFLA. 2012. P. (218-227)

SOUZA, A. P. V. **As Culturas Infantis no Espaço e Tempo do Recreio**: Constituindo Singularidade Sobre a Criança. 166f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpa.br>. Acesso em 24/08/2019.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade, UFRGS, vol. 20, n.2, jul./dez., 1995, pp. 71-99.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento social da mente**. 6ªEd. São Paulo Martins Fontes, 1997.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para as sexualidades, a igualdade de gênero e as diversidades/diferenças na educação das infâncias – questões a problematizar. In: XAVIER

FILHA, Constantina (org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Editora UFMS. 2012.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturado – professora de educação infantil da escola Maria Antonieta de Paiva

Nº	Pergunta
01	Qual a sua formação?
02	O que você entende por questões de gênero e sexualidade referente ao ambiente escolar?
03	Você como professora, se sente preparada para falar de gênero e sexualidade com seus e suas alunos/as, caso alguém pergunte?
04	De que modo se relaciona as questões de gênero com meninos e meninas em sala de aula?
05	Qual a sua opinião sobre Projetos de Leis que se aprovados, podem impedir que os professores/as falem sobre essas questões nas escolas?
06	Como você percebe o processo das influências midiáticas em relação aos materiais escolares dos/a alunos/a?

ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA DA ESCOLA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ilustríssimo/a Sr/a. _____

Pesquisas sobre Prática Pedagógica e as relações sociais entre meninos e meninas nas escolas têm sido desenvolvidas na Universidade Federal do Pará, na Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS) sob Orientação da Prof^a. Dr^a. Vilma Nonato de Brício, visando compreender a construção das relações sociais no ambiente escolar para que os futuros educadores/as promovam de forma crítica a discussão da temática no ambiente escolar.

A pesquisa se realizará por meio observação e entrevistas com Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e Docentes, assim como análise de Documentos como PPP da Escola.

Esclarecemos, ainda, que os dados e resultados da pesquisa serão confidenciais, mantidos com o pesquisador e as identidades dos sujeitos da escola não serão reveladas na divulgação do trabalho em reuniões científicas, publicações e nas aulas de disciplinas. Se houver necessidade de identificar algum sujeito será utilizado um nome fictício para a identificação do mesmo, mantidas as condições de sigilo.

Deste modo, solicitamos de Vossa senhoria a autorização para a realização da presente pesquisa na escola. Você tem todo o direito de não autorizar e, em qualquer momento da pesquisa, interromper sua participação sem qualquer problema ou retaliação ou represália, devendo somente avisar o pesquisador da sua desistência.

Nome da aluna/Pesquisadora responsável: Alycelene Ferreira de Souza

Endereço: Travessa 12 de Outubro; 10

Fone: (91) 99940-8815

Orientadora: Vilma Nonato de Brício

Endereço: Av. Magalhães Barata; 1050

Fone: (91) 98364-3677

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que autorizo a realização da pesquisa na Escola Maria Antonieta de Paiva.

Abaetetuba, 21 de maio de 2019.

Jana Cristina dos Santos Figueira
Direção da Escola

Rua Manoel de Abreu s/n.º - Mutirão - CEP: 68440-000 – Abaetetuba -Pará
Fone/Fax: (91) 3751-1107

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO DA INTREVISTADA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ilustríssimo/a Sr/a. _____

Pesquisas sobre Prática Pedagógica e as relações sociais entre meninos e meninas nas escolas têm sido desenvolvidas na Universidade Federal do Pará, na Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS) sob Orientação da Profª. Drª. Vilma Nonato de Brício, visando compreender a construção das relações sociais no ambiente escolar para que os futuros educadores/as promovam de forma crítica a discussão da temática no ambiente escolar.

A pesquisa se realizará por meio observação e entrevistas com Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e Docentes, assim como análise de Documentos como PPP da Escola.

Esclarecemos, ainda, que os dados e resultados da pesquisa serão confidenciais, mantidos com o pesquisador e as identidades dos sujeitos da escola não serão reveladas na divulgação do trabalho em reuniões científicas, publicações e nas aulas de disciplinas. Se houver necessidade de identificar algum sujeito será utilizado um nome fictício para a identificação do mesmo, mantidas as condições de sigilo.

Deste modo, solicitamos de Vossa senhoria a autorização para a realização da presente pesquisa na escola. Você tem todo o direito de não autorizar e, em qualquer momento da pesquisa, interromper sua participação sem qualquer problema ou retaliação ou represália, devendo somente avisar o pesquisador da sua desistência.

Nome da aluna/Pesquisadora responsável: Alycelene Ferreira de Souza

Endereço: Travessa 12 de Outubro; 10

Fone: (91) 99940-8815

Orientadora: Vilma Nonato de Brício

Endereço: Av. Magalhães Barata; 1050

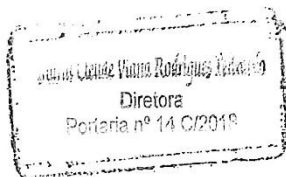
Fone: (91) 98364-3677

MARIA ELZENIR DOS SANTOS BRAGA SILVA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que autorizo a realização da pesquisa na Escola _____.

Abaetetuba, 21 de maio de 2019.



Maria Cláudia Lima Rodrigues Telizande
Direção da Escola

Rua Manoel de Abreu s/n.º - Mutirão - CEP: 68440-000 – Abaetetuba -Pará
Fone/Fax: (91) 3751-1107